





Revoluções sul-rio-grandenses e arte caricatural: dois estudos históricos

FRANCISCO DAS NEVES ALVES









Revoluções sul-riograndenses e arte caricatural: dois estudos históricos





CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista - Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Revoluções sul-riograndenses e arte caricatural: dois estudos históricos





Lisboa / Rio Grande 2025

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord) Carla Oliveira Cécile Méadel Fabrice d'Almeida João Luís Cardoso José Ignacio Ruiz Rodríguez Valérie Dévillard Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.) Darlinda Moreira Jeffrey Scoot Childs Rosa Sequeira Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.) José Bernardino Milene Alves Paula Carreira Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Revoluções sul-rio-grandenses e arte caricatural: dois estudos históricos
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 110
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2025

ISBN - 978-65-5306-024-1

CAPA: O MALHO. Rio de Janeiro, 2 ago. 1930 e 16 ago. 1930.

Sobre o autor:

Alves Francisco das Neves é Professor Titular Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017),**PUCRS** (2018),à Cátedra Infante Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

SUMÁRIO

O mês que antecedeu à Revolução Federalista e a imprensa caricata (*Bisturi*, janeiro de 1893) / 11

Personagens políticos na fermentação revolucionária de 1930: gaúchos, aliancistas, rebeldes e governistas na arte caricatural de *O Malho* (agosto de 1930) / 31

O mês que antecedeu à Revolução Federalista e a imprensa caricata (*Bisturi*, janeiro de 1893)

O encontro entre a arte caricatural e a imprensa no Brasil da segunda metade dos Oitocentos gerou um que conquistou considerável público consumidor. A imprensa caricata lançava atrativos diferenciados em relação ao jornalismo diário, aquele considerado como sério, pois, no lugar dos textos longos, circunspectos e por vezes complexos, havia uma linguagem mais direta, com uma construção textual mais objetiva e simplificada, chegando a aproximar-se de uma verdadeira conversa com o leitor. Além disso, as caricaturas tinham um apelo notável, permitindo o entendimento da mensagem mesmo para os pouco letrados. Praticando um jornalismo crítico-opinativo, calcado no humor, na sátira e na ironia, as folhas ocuparam caricatas um espaço alternativo periodismo nacional, que lhe garantiu uma ampla multiplicação.

O Rio de Janeiro foi o polo irradiador da imprensa caricata que, em pouco tempo, espalhou-se pelo país, notadamente nos grandes centros

provinciais/estaduais1. Tal fenômeno chegou também a meridional das unidades administrativas brasileiras, com a circulação de periódicos caricatos nas cidades sul-rio-grandenses de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas². A cidade litorânea do Rio Grande teve nas atividades mercantis sua base econômica ao longo do século XIX, constituindo o único porto marítimo gaúcho e transformando-se no grande entreposto comercial sulino. Os progressos econômicos, o avanço demográfico e a crescente urbanização abriram espaço também para o aprimoramento cultural citadino, qual permitiu um avanço jornalístico notável, com a circulação de variados gêneros, dentre eles aquele vinculado à imprensa caricata.

Foram vários os títulos dos periódicos ilustrados, satíricos e humorísticos voltados à difusão da arte caricatural que circularam na cidade do Rio Grande e, entre eles, um dos mais significativos foi o *Bisturi*. Fundado em 1888, o hebdomadário circulou de maneira mais regular até 1893, passando a partir de então a enfrentar várias dificuldades, com falhas nas edições e

¹ A respeito de tal evolução, ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1917. t. 80. p. 583-609.; LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 3-21.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. São Paulo: Documentário, 1976.

² Sobre a imprensa caricata gaúcha, observar: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

períodos de interrupção, mas, mesmo assim, durou até 1915. Tal publicação caricata teve desde o início uma simpatia pelos liberais liderados no Rio Grande do Sul por Gaspar Silveira Martins e, com a mudança na forma de governo, aplaudiu e apoiou a República nos tempos inicias, mas, progressivamente, com o modelo autoritário que o novo regime assumia, notadamente no contexto gaúcho com o castilhismo, o *Bisturi* foi antagonizando com a nova situação, colocando-se com firmeza na oposição, de modo que, além de força opositora, chegou a atura na resistência ao autoritarismo reinante³.

O Bisturi conviveu com algumas das principais transformações ocorridas no contexto brasileiro, como a abolição da escravatura, a proclamação da República e o espocar dos focos revolucionários ocorridos na década de 1890, que combateram o regime instituído, como a Revolta da Armada e a Revolução Federalista. Nesses casos, o periódico manteve seu olhar crítico e de oposição ao modelo vigente, travando verdadeiro combate discursivo/imagético contra os detentores do poder, mormente Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, na esfera federal, e, com maior veemência ainda, de Castilhos. na esfera estadual. posicionamentos custaram caro para o *Bisturi*, que sofreu todo tipo de revés, como fiscalização policial, controle direto das autoridades públicas, censura, coerção e até prisão de seu diretor/proprietário. Mesmo assim, a folha não desistiu de seus propósitos, divulgando e opinando

_

³ Acerca do *Bisturi*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 219-243.

sobre os acontecimentos políticos cotidianos, até que a repressão governamental e a draconiana legislação de imprensa viessem a interromper tal jornada de engajamento. Assim, enquanto lhe foi possível, noticiou e comentou os fatos que cercaram a Revolução Federalista, mantendo uma posição de ampla simpatia pelos rebeldes e contraposição para com os castilhistas. Este breve ensaio visa a destacar as reações do semanário durante o mês de janeiro, que antecedeu a explosão da guerra civil de 1893-1895.

Desde os primeiros tempos da nova forma de governo, o Bisturi passou a compartilhar a ideia de que aquela não seria a verdadeira república, almejada por vários de seus propagandistas. Para o periódico, a forma republicana ideal seria aquela embasada na liberdade e não a autoritária que se cristalizava na conjuntura nacional e ainda mais fortemente na estadual. A violência de natureza política cresceu acentuadamente no Rio Grande do Sul, ainda mais a partir de novembro de 1891, quando Júlio de Castilhos foi apeado do poder, e de seu retorno em meados do ano seguinte. Desde então o caminho para a guerra civil tornou-se cada vez inevitável, com o desencadear de múltiplos atos violentos. De acordo com sua postura, o semanário rio-grandino imputou aos governistas castilhistas a culpa por toda aquele carga de violência.

Nesse sentido, o periódico considerava que, "com a república" teriam voltado os "tempos de barbarismo, tempos execrandos que lampejava lúgubre e pavorosa a fagulha sinistra da irracionalidade da espécie humana". Apontava ainda que se tratava de uma "miseranda república", na qual qualquer "se julga um senhor mandão, uma potência com direito de mandar prender"

quem quisesse, ou seja, seria uma "república de vergonhas e de infâmias"⁴. No artigo intitulado "O punhal" o hebdomadário realizava uma síntese da violência que campeava naquele momento:

Execrenda situação essa nossa, em que ostensivamente impera o punhal com o seu cortejo de infâmias.

A república feita ainda ontem não tem uma só página na sua história que não esteja tinta de sangue.

A imprensa governista nunca ergueu tanto o colo, nunca tanto barafustou e esgrimiu as armas da calúnia e da blasfêmia para sustentar o erro das autoridades reles.

O homem mais cético, mais indiferente pelas misérias humanas não pode encarar esta situação sem horripilar-se, e sem que a indignação lhe assome ao rosto e lhe referva no coração.

Roubos, desonras, assassinatos, degolações, saques, incêndios, destruições, eis toda a história da República dos Estados Unidos do Brasil!

Ela só tem uma *glória* é que nenhuma república a tem excedido na imprudência, na hediondez, no sarcasmo, na impetuosidade da audácia levada até a demência, na torpe e crapulosa imoralidade e revoltantes baixezas.

Salta aos olhos de todos a indeclinável necessidade, melhor diremos, a instantíssima urgência de se terminar com esta situação de horrores e de vergonhas.

Torna-se imediatamente necessária uma reforma digna do século em que estamos, para

-

⁴ BISTURI. Rio Grande, 1º jan. 1893.

que não se prolongue por mais tempo este estado execrando de crimes e abusos que se vão transmitindo de ano em ano (...).

Procurei a estatística dos crimes e das prevaricações e assentareis conosco que atualmente ela se avoluma de uma forma negramente medonha.

Sabemos que atualmente dizer a verdade é expor o coração ao punhal do banditismo oficial, mas que nos importa a morte, quando cumprimos um dever de consciência!⁵

No que tange ao segmento caricatural, em janeiro de 1893, o Bisturi trouxe algumas de suas pautas tradicionais, embasadas na crítica social e de costumes e expressão de retratos satírico-caricaturais cotidiano. Assim apresentou os esforços das famílias de sustentar as festas fim de desentendimentos entre habitantes da urbe. idiossincrasias do clero e das irmandades religiosas, as atividades lúdicas na estação balneária e a jogatina realizada em um cassino local. Em tal segmento o semanário não deixou de realizar a crítica de cunho político e manifestar abertamente sua postura de oposição e resistência ao regime vigente, bem como de apoio às forcas anticastilhistas.

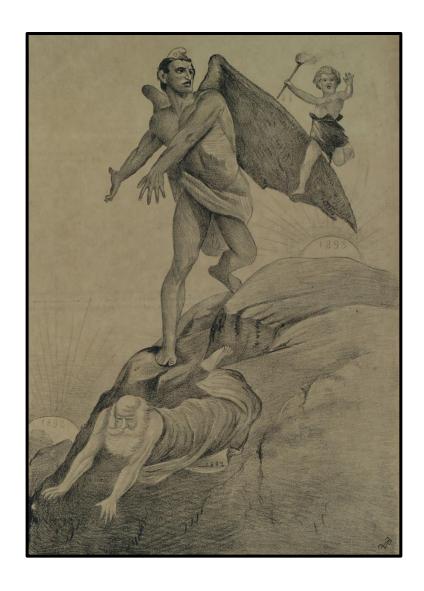
As manifestações de contrariedade ao castilhismo já iniciariam na edição inicial de 1893, na tradicional representação da passagem do ano de 1892 ao seguinte. No desenho, o sol de 1892 se punha e o "ano velho", simbolizado por um ancião caía para a morte, ao passo que o "ano novo" era designado por uma criança com

⁵ BISTURI. Rio Grande, 22 jan. 1893.

uma tocha na mão do mesmo lado do sol nascente de 1893. A ilustração tinha por inspiração a perspectiva da tentação de Cristo pelo demônio, tanto que a figura central era exatamente uma figura satânica que atirara o "ano velho" pelo precipício e já olhava cobiçosa para o "novo", intentando também destruí-lo. O detalhe é o barrete frígio que o ser diabólico possuía, associando-o não só à nova forma de governo, como também aos castilhistas, que eram acusados de trazer a destruição ao Rio Grande do Sul. A legenda refletia também a intenção de aniquilamento daquela representação do mal, que estaria a dizer:

"Vai-te!... já estais muito velho e cansado... embrenha-te na medonha profundeza deste abismo; já tens o coração muito ulcerado e o espírito apavorado com os fantasmas de terror, faltando-te coragem e paciência para me auxiliares na minha obra de sangue e de terror!... Deixa-me!... deixa-me com este pequerrucho!...⁶

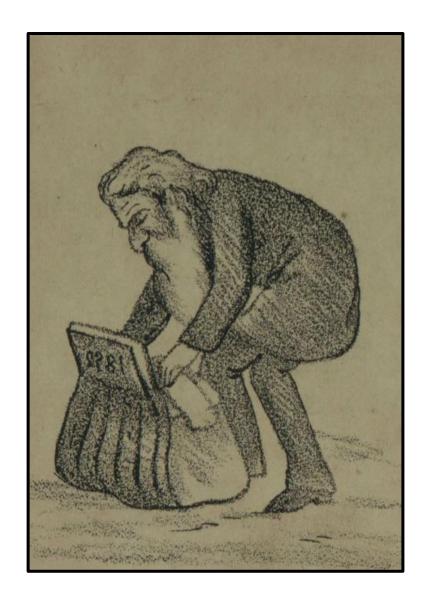
⁶ BISTURI. Rio Grande, 1° jan. 1893.

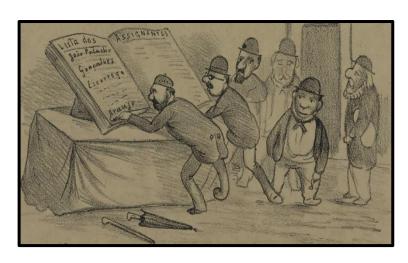


O hebdomadário caricato rio-grandino se referia mais uma vez à passagem do ano, mostrando um ancião que arrumava sua bagagem, afirmando que "o 92 prepara as malas para a longa partida". Apesar das dificuldades que assolavam o país, o periódico não deixava de manter alguma esperança ao menos quanto à sua continuidade como representante da imprensa, tanto que representava imageticamente a imaginação de que o número "de assinantes cresceu extraordinariamente", e jocosamente, fingia grandiloquência, demarcando que "o Bisturi continua a ser a mais deslumbrante publicação que se publica em toda a América!!". Trazia também desenho que mostrava o gosto da leitura do Bisturi por parte das famílias, ou seja, aquelas "pessoas gosto" e que ao menos enxergavam "um palmo adiante do nariz". O próprio bobo da corte - alegoria que o periódico utilizava para representar a redação mostrava-se exultante com a quantidade de presentes recebidos, em alusão ao material publicitário publicado em suas páginas. Mas em conjunto caricatural, o semanário não esquecia de seu espírito oposicionista, tanto que mostrou Gaspar Silveira Martins, a maior liderança anticastilhista da época, transmutado em um leão, símbolo de bravura e dignidade, diante do qual "os castilhistas andam assustados, temendo a entrada do temível" rei das selvas, "que já começa a arreganhar os dentes e a soltar rugidos..."7.

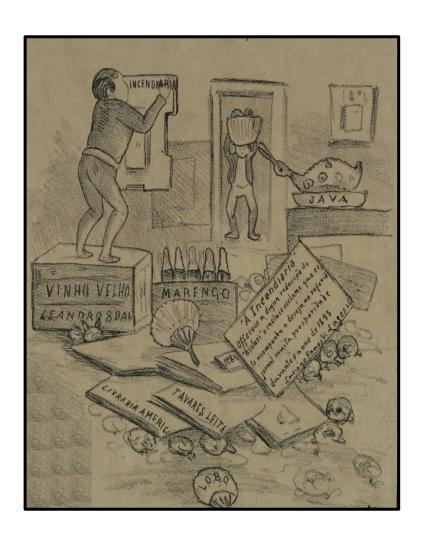
.

⁷ BISTURI. Rio Grande, 1º jan. 1893.







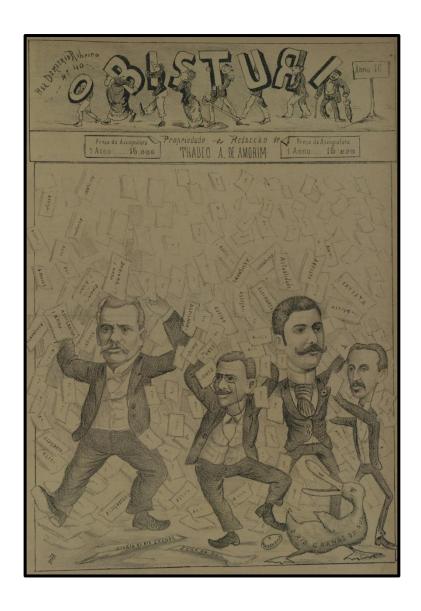




A perspectiva esperançosa ainda se manifestou em gravura na qual os "distintos colegas", responsáveis pelos diários locais, viriam a receber "uma chuva torrencial de assinaturas". Mas nem mesmo nesse momento a tendência anticastilhista deixava de se manifestar uma vez que, em meio aos quatro jornalistas que representavam os jornais Diário do Rio Grande, Eco do Sul, A Atualidade e Artista, um pato fugia espavorido, tratando-se da representação do Rio Grande do Sul, diário que defendia o castilhismo na cidade, tornando-se, portanto, adversário do Bisturi. A simbologia adotada a pato partir do foi utilizada largamente pelo hebdomadário pejorativamente para designar castilhistas, como sinônimo de tolo, pacóvio ou idiota, ou ainda por tratar-se de um depreciativo apelido de adolescência de Júlio de Castilhos8.

-

⁸ BISTURI. Rio Grande, 8 jan. 1893.



A expressão do anticastilhismo por parte do Bisturi ficou ainda mais evidenciada em caricatura na qual mostrava o líder republicano choroso, tendo ao colo o seu partido, simbolizado por um asno - animal que traz em si a ignorância e as seduções materiais - que também se encontrava em prantos, para espanto de um auxiliar com tal circunstância e, ao fundo, o quadro tétrico tornava-se ainda mais acentuado, com a chegada de uma série de esqueletos, em alusão às vítimas da violência oriunda do castilhismo. A legenda do desenho satírico era na forma de um versinho: "Em que tormento o mísero se debate./ Sem poder fugir da cólera infinita,/Em torno esvoaçam pavorosas sombras,/E da maldição a interminável grita"9. O hebdomadário ilustrado mostrou igualmente o entusiasmo e admiração de um cidadão que lia os diários riograndinos não-alinhados com o castilhismo, elogiandoos "pela altivez com que narraram o crime praticado por uma notável personagem política", de maneira que assim "a imprensa nobremente cumpriu seu dever", esperando que "a justiça que cumpra o seu"10. A preocupação do hebdomadário com o recrudescimento da violência castilhista ficava também demarcado ao mostrar uma tropa das forças governistas, "com as competentes munições de guerra", menosprezando-a, uma vez que os soldados, ao invés de cavalos, estariam utilizando mulas como montarias¹¹.

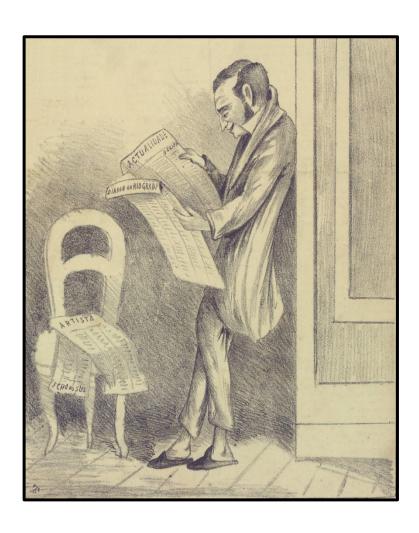
-

⁹ BISTURI. Rio Grande, 8 jan. 1893.

¹⁰ BISTURI. Rio Grande, 15 jan. 1893.

¹¹ BISTURI. Rio Grande, 29 jan. 1893.







Dessa maneira, em janeiro de 1893, o Bisturi dava uma amostragem do enfoque recorrente do ano que se seguia. A eclosão revolucionária era um caminho sem volta, com o acirramento de ódios e paixões partidárias e ideológicas e a inexistência de qualquer possibilidade ao poder graças das oposições chegarem mecanismos criados pelo castilhismo. Apesar otimismo para com a possibilidade de manutenção e até o aumento do número de favorecedores, o semanário enfatizava que predominância riscos a autoritarismo poderia trazer ao Rio Grande do Sul, com o acirramento da violência e da repressão. Era o prenúncio dos tempos difíceis que se avizinhavam, com a guerra civil tomando conta do Estado e o cerceamento às liberdades individuais - mormente a de expressão e a de imprensa - campeando cada vez mais forte. Assim como naquele mês inicial do ano do início do conflito bélico, o Bisturi lutou o quanto pode, atuando na

oposição e na resistência, negando-se a calar diante daquilo que denominou de regime despótico.

Personagens políticos na fermentação revolucionária de 1930: gaúchos, aliancistas, rebeldes e governistas na arte caricatural de *O Malho* (agosto de 1930)

Nos anos 1930, a imprensa brasileira passava por uma etapa de ampla evolução e diversificação, com a publicação de variados gêneros jornalísticos, dentre os quais teve destaque a edição de revistas¹². Em tal

_

¹² A respeito da edição de revistas no Brasil, ver: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944). São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Aproximações cultura e política. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana

segmento as revistas ilustradas em especial caíram no gosto do público, ao associar textos em geral mais diretos e curtos com o grande atrativo da imagem. Um desses magazines foi *O Malho*, semanário publicado no Rio de Janeiro de 1902 a 1954, com uma circulação que não se circunscreveu apenas à capital federal, vindo o mesmo a ser distribuído por todo o país. Teve um notório estilo crítico-opinativo e mesmo combativo, colaborando na difusão de informações acerca do cenário político nacional¹³.

A inspiração de seu título era a do instrumento utilizado pelos ferreiros e também a conotação popular que adquiriu o termo "malhar", que ia além de bater com malho, trazendo consigo também as ações de censurar, criticar, fazer troça, escarnecer e zombar, bem de acordo com a proposta editorial do hebdomadário, cujo fulcro de suas edições esteve vinculado a constituir uma revista de feição notadamente popular¹⁴. Seu conteúdo textual contou com vários representantes da intelectualidade brasileira bem como suas caricaturas foram promovidas por alguns dos próceres da arte

_

Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; e SODRÉ, Nelson Werneck. A história da imprensa no Brasil. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

¹³ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 144 e 146.

¹⁴ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

caricatural brasileira. O impacto que teve junto ao público veio ao encontro de um momento em que a representação cômica da vida nacional ganhava amplitude, adquiria maior força e se aprofundava junto aos progressos da própria imprensa como um todo¹⁵.

Ao apresentar-se, *O Malho* explicava que, conforme "o seu nome bem o indica", se propunha a utilizar a bigorna, batendo-lhe a ferro na sua oficina, vindo a destacar, com ironia, que manteria a "tranquila consciência", visando a concorrer "eficazmente para o melhoramento" da "raça humana". Pretendia ainda contribuir para "todos os elementos" de "desenvolvimento do riso" e, mais uma vez em referência ao seu título, demarcava que, em meio a tantas "tristezas e lamentações", faria soar "cantante o bimbalhar" de "sons alegres" nas bigornas¹⁶.

Passadas quase três décadas de sua criação, à época dos antecedentes da Revolução de 1930, o semanário considerava a si mesmo como uma espécie de "pão espiritual das massas populares", e, na condição de "órgão de publicidade", equivaleria a "um pulmão por onde respira toda a nação", ainda mais que, ao longo de sua existência, não teia se "desviado do rumo" traçado a partir dos "legítimos interesses nacionais" Levando em conta seus projetos, *O Malho* envolveu-se em várias das campanhas políticas, notadamente aquelas que

⁻

¹⁵ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 297-298.

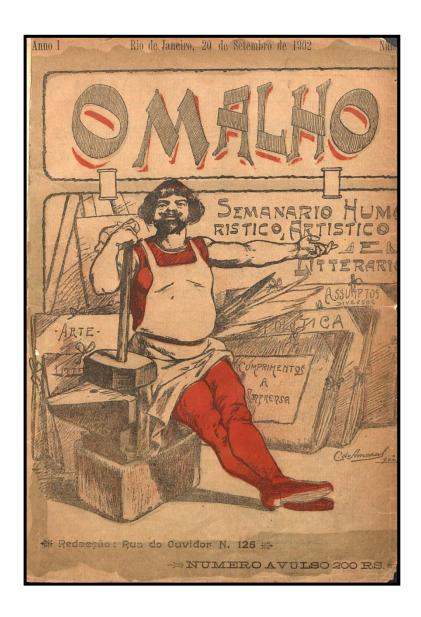
¹⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1902.

¹⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

envolveram dissidências oligárquicas por ocasião de disputas eleitorais presidenciais, como foi o caso da Aliança Liberal, frente a qual o periódico adotou uma antagonismo, de postura aberto criticando profundamente a frente oposicionista desde o seu surgimento, em 1929, e manteve tal postura no ano seguinte, mesmo após as eleições, quando permaneceu em sua conduta. A vitória da Revolução de 1930 viria a consequências para profundas humorística, com perseguições e interrupção de suas edições18. Este estudo observa as repercussões da ação dos aliancistas em geral e dos gaúchos em específico, as intenções de rebeldia e a atuação das forças governistas registradas em O Malho no mês de agosto de 1930.

-

¹⁸ LIMA, 1963. v. 1, p. 144-149. Sobre a postura do periódico em relação à Aliança Liberal, ver: ALVES, Francisco das Neves. A Aliança Liberal e o antagonismo de parte da revista ilustrada e humorística O Malho. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2024.; ALVES, Francisco das Neves. O contexto político brasileiro em 1930 sob o prisma de O Malho. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2024.; e ALVES, Francisco das Neves. Antecedentes da Revolução de 1930 na arte caricatural de duas revistas ilustradas cariocas. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2024.

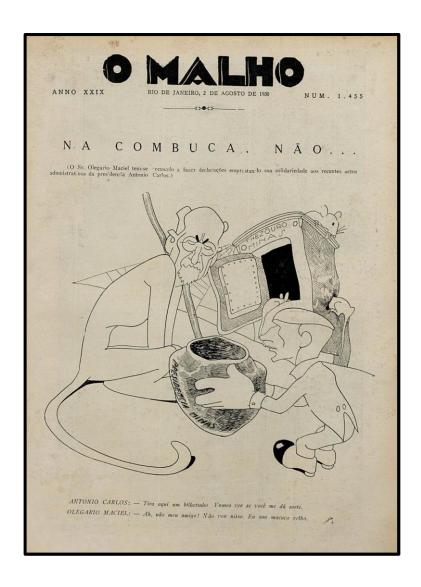


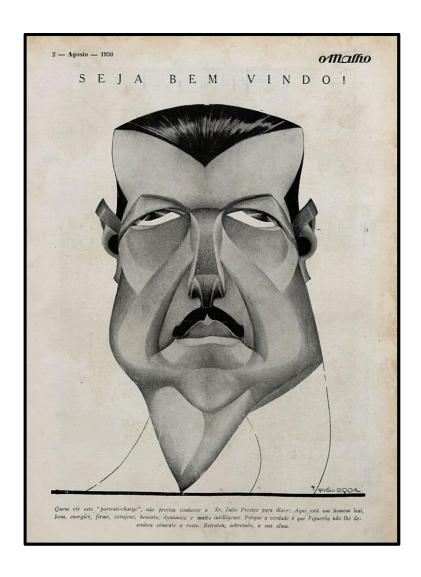
De acordo com suas convicções, o semanário ilustrado, por meio do Jeca - representação do povo brasileiro -, saudou o retorno do Presidente eleito Iúlio Prestes de sua viagem ao exterior, de modo que o personagem popular queria contar ao homem público uma série de novidades, iniciando por se referir a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, chefe aliancista mineiro, mas, antes que o Jeca pudesse continuar, foi interrompido por Prestes, sugerindo uma mudança de assunto para "tratar de coisas sérias", demarcando o sinal de pleno desprezo para com as lideranças da Aliança Liberal. Ainda quanto ao governante mineiro, ele aparecia tentando convencer seu sucessor eleito, Olegário Maciel, quanto a uma maior participar nos temas financeiros, ao que este se negava, pois, como "macaco velho", não iria enfiar a mão naquele tipo de cumbuca, ou seja, a experiência lhe dizia para não se envolver em circunstâncias perigosas, como no caso do tesouro mineiro, que teria sido dilapidado por Antônio Carlos para atender aos interesses políticos da Aliança registro panegírico Liberal. Houve também um imagético e textual acerca de Júlio Prestes, sendo ressaltados todos aqueles que eram considerados político que vencera do as presidenciais. Buscando demarcar a ambiguidade nos quadros aliancistas, a revista apresentava o Partido Republicano Rio-Grandense como um malabarista, que tinha de equilibrar-se em meio às posturas de permanecer oposicionista ou voltar a aliar-se com o que estaria governo, trazendo fator desorganização de tal agremiação partidária19.

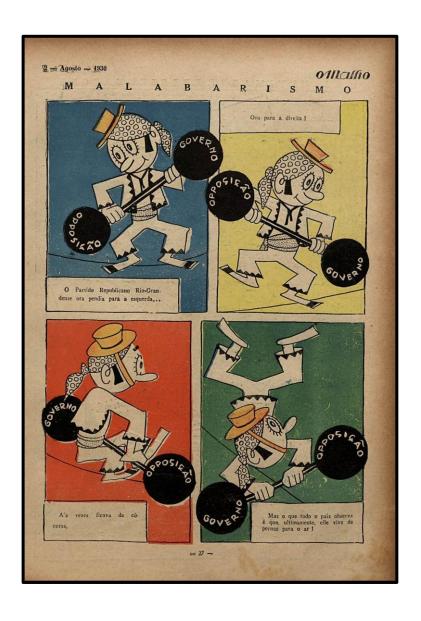
_

¹⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 2 ago. 1930.







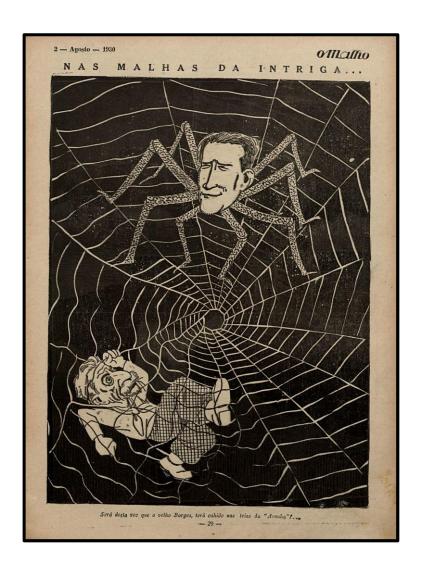


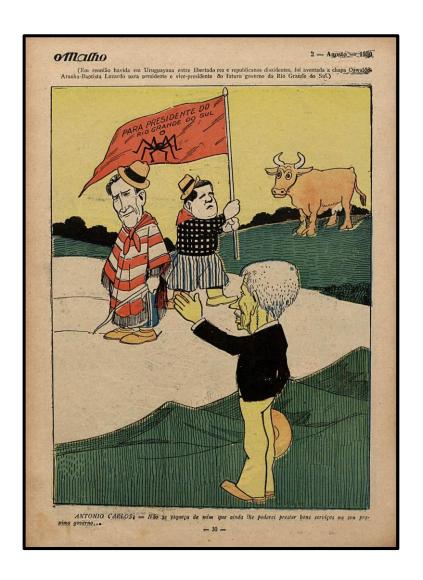
Fazendo graça, o hebdomadário chegava a imaginar que Ribeiro de Andrada viria a protagonizar um filme intitulado "Antonico o sanguinário", em referência às práticas que atribuía ao chefe mineiro, vinculadas à violência política mormente nos períodos eleitorais, além disso, o cobrador do cinema avisava que se tratava da última exibição, uma vez que "o artista vai sair definitivamente de cartaz", em alusão aquilo que considerava como a derrocada política de Ribeiro de Andrada. Os políticos gaúchos também apareciam na primeira edição de agosto de 1930, com a presença de Osvaldo Aranha que, fazendo literalmente jus ao seu aparecia metamorfoseado, com cabeça sobrenome, humana, mas corpo de aranha, que teria tecido uma espessa teia, de modo a envolver o tradicional líder riograndense Borges de Medeiros, que teria ficado preso nas "malhas da intriga". Ainda quanto à oligarquia sulrio-grandense, vestidos à gaúcha, Osvaldo Aranha e Batista Luzardo aventavam a possibilidade de lançarem seus nomes para a próxima eleição ao governo do Rio Grande do Sul, surgindo ainda na cena o mineiro Antônio Carlos, ávido por permanecer nos cargos de mando, e afirmando que ainda poderia "prestar bons serviços" no governo gaúcho. Igualmente quanto à conjuntura sulina, um gaúcho observava um relógio, cujo pêndulo era representado por Borges de Medeiros, considerando que a política gaúcha permanecia parada, conforme os ponteiros do relógio, assim, como Medeiros estariam mantendo a ambiguidade em suas identidades quanto à oposição e ao governo, ou seja, em uma ação pendular, com equidistância, ia de um lado ao outro²⁰.

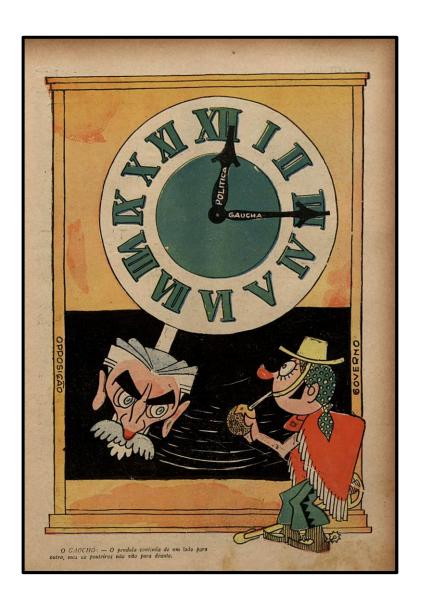
-

²⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 2 ago. 1930.





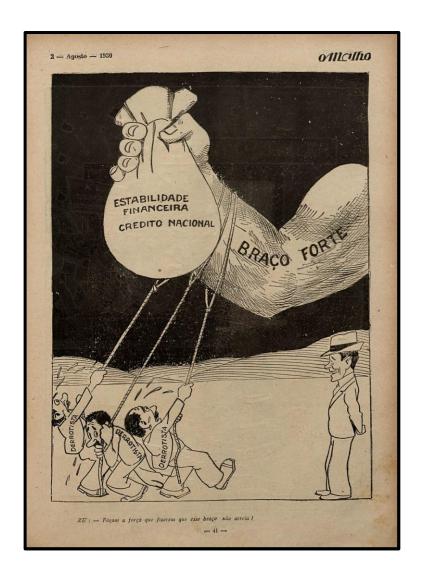


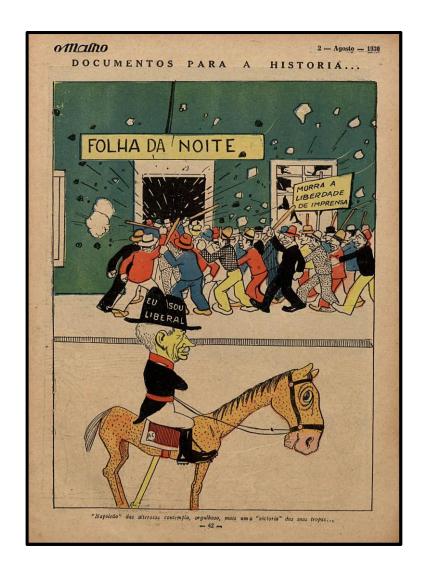


Mais uma representação da população brasileira, o Zé Povo, demonstrava plena confiança na política governamental, representada por um "braço forte" que, no horizonte, estaria a garantir a "estabilidade financeira" e o "crédito nacional", apesar de todo os esforços feitos pelos "derrotistas" - associados aos oposicionistas - para derrubar aquele braço. Tal qual um Napoleão mineiro, Antônio Carlos - identificado no chapéu como um "liberal" - assistia "orgulhoso" a "'vitória' das suas tropas", tratando-se mais uma vez de uma denúncia contra o chefe político mineiro que estariam mantendo suas práticas repressivas, no caso com o empastelamento das oficinas de um jornal, havendo inclusive entre os perpetradores do ato um cartaz que incentivava a "morte" da liberdade de imprensa²¹.

-

²¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 2 ago. 1930.





Quanto a alguns dos personagens da vida política nacional, o periódico publicou "Impropriedade de certos nomes próprios", na qual, além da caricatura gracejava do indivíduo em foco, com nomes/sobrenomes: Brasil Ramos Caiado. que governara Goiás e então fora eleito para o Senado, não teria relações com a cal, tendo em vista a barba negra que ostentava; José Maria de Albuquerque Belo, deputado e depois senador por Pernambuco era considerado como alguém muito feito; Dorval Pires Porto, deputado pelo Amazonas, não teria nenhuma relação com o âmbito portuário, pois, inclusive, seria inimigo das atracações; o senador sergipano José Joaquim Pereira Lobo era visto como alguém mais manso que um cordeiro; o então governador do Piauí João de Deus Pires Leal seria na verdade um governante de meia tigela; o presidente do Estado do Pará, Eurico de Freitas Vale, ao contrário de "ser rico", valeria muito pouco²²; o senador fluminense Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, não seria concernente com tal árvore, pois seria frágil como um caniço; quanto deputado federal gaúcho, que chegou a exercer o papel de líder da oposição, Plínio de Castro Casado, era dito que nascera casado, mas já fora solteiro; o senador pelo Maranhão, Francisco da Cunha Machado, apresentava frontispício de martelo; o senador reeleito por Goiás, Miguel da Rocha Lima, não seria compatível com um rochedo e sim com uma banana; o deputado federal baiano Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, apesar de aparecer como filho, teria barbas de vovô; e o presidente do Estado do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine

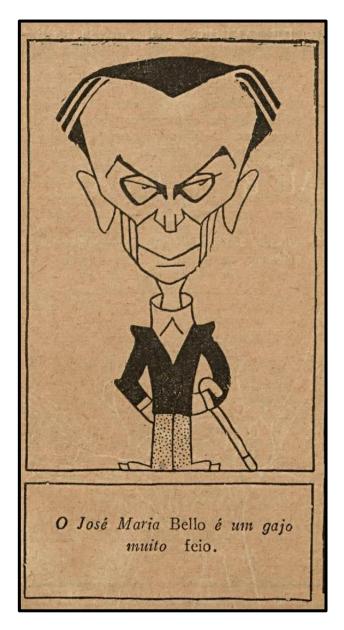
-

²² O MALHO. Rio de Janeiro, 2 ago. 1930.

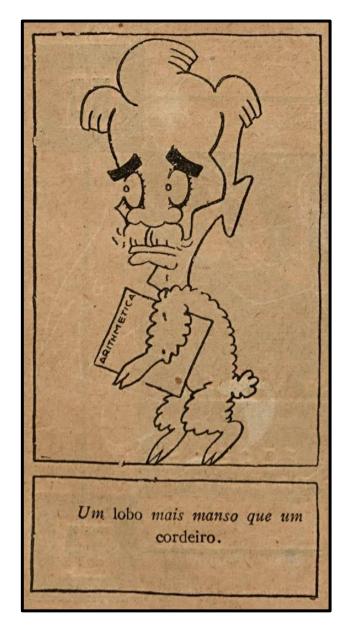
de Faria, não teria nenhuma vocação para poeta, como o seu homônimo francês Alphonse De Lamartine²³.

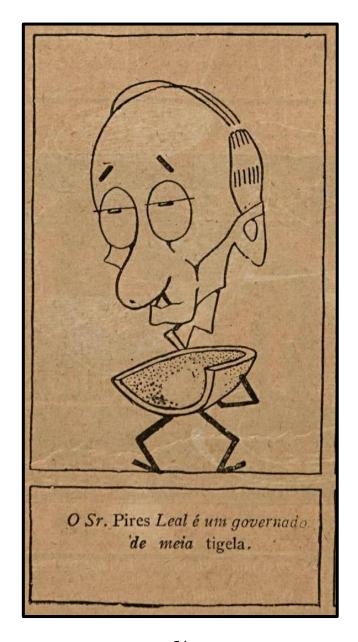


²³ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 ago. 1930.



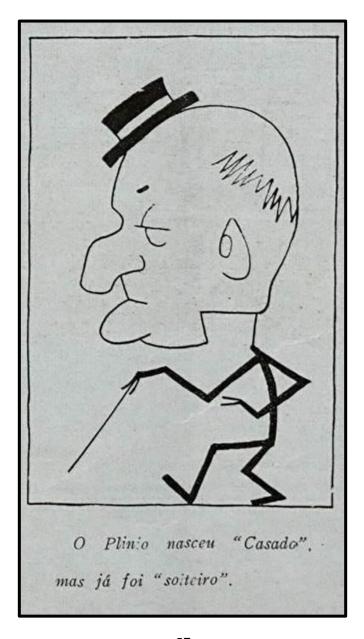


















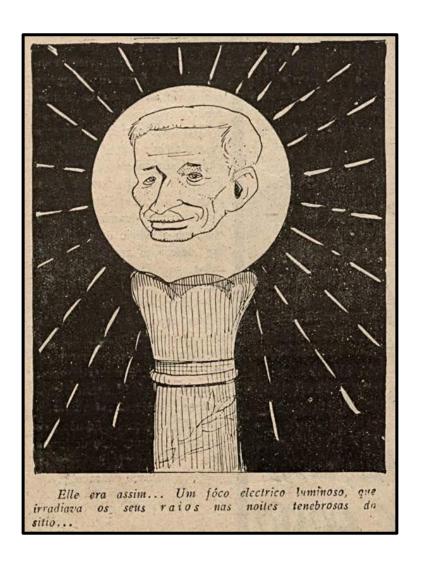


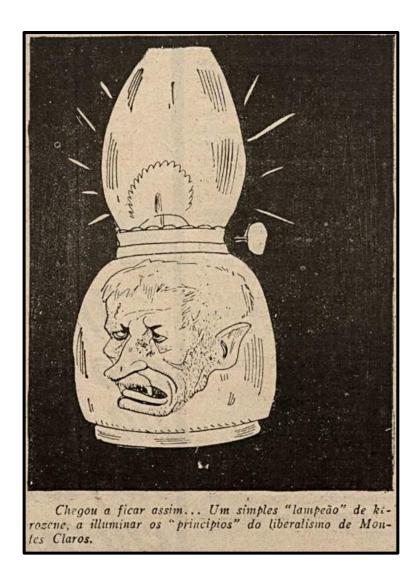
O periódico apresentou cena na qual dominava um calendário, com a presença de vários ratos, em alusão à suposta corrupção que teria predominado no governo mineiro, mormente a partir da formação da Alianca Liberal, ficando demarcado que chegando a hora de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada se afastar do seu cargo, fato que acabrunhava o político, segundo o qual Minas estaria a perder "o seu grande presidente", em discordância com o Jeca, que dizia pretender ser um mágico para acelerar a passagem do tempo, para que chegasse rapidamente o término do mandato de seu interlocutor. No conjunto caricatural denominado "Grandeza e decadência do Antônio Carlos", o protagonismo cabia mais uma vez ao governante mineiro, que teria perdido seu brilho ao longo de sua jornada na presidência, iniciando como um "foco elétrico luminoso", passando a ser "um simples lampião de querosene", transformando-se em "facho incendiário", até chegar a "uma triste vela de sebo" próxima de apagar, tudo por causa da má administração que a folha imputava ao personagem. Ribeiro de Andrada era também criticado pelas más heranças que iria deixar para o seu sucessor Olegário Maciel, como o caso da venda de sacas de café, transmutado em uma casca de banana, que poderia provocar um acidente para Maciel, que era avisado pelo Jeca, mas se dizia seguro por já ter enfrentado esse tipo de situação por diversas vezes²⁴.

_

²⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 9 ago. 1930.

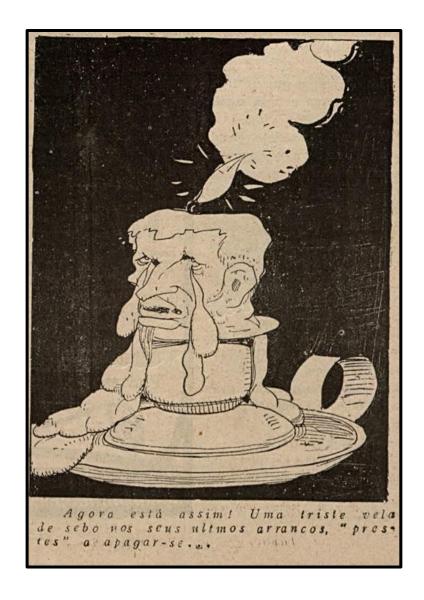








66

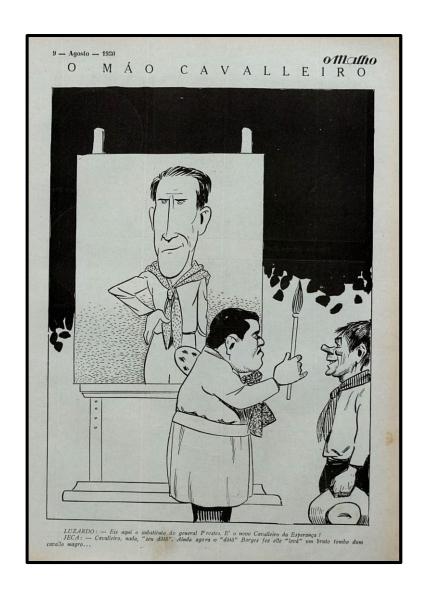


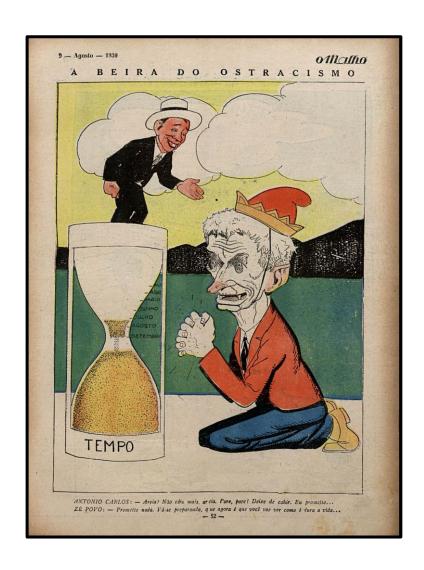


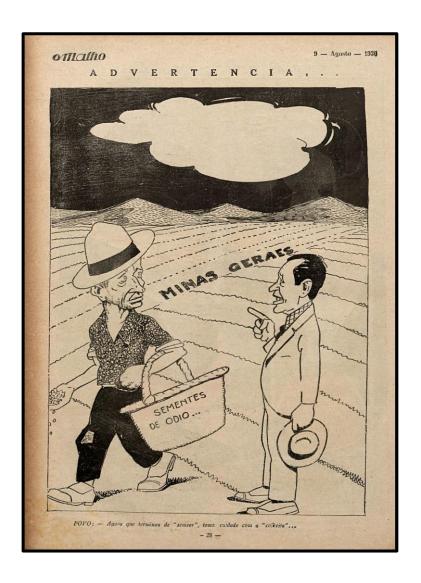
A publicação ilustrada carioca também sugeria eventuais discordâncias em meio aos gaúchos, como no caso de Batista Luzardo que aparecia como um artista que pintava o quadro de Osvaldo Aranha, afirmando que este viria a substituir Luís Carlos Prestes, vindo a tornar-se "o novo Cavaleiro da Esperança", do que discordava o Jeca, que lembrava as considerações pouco abonadoras que Borges Medeiros teria feito em relação a Aranha, de modo que ele não passaria de um "mau cavaleiro". O desespero de Antônio Carlos com a aproximação do encerramento de seu mandato foi retomada pelo periódico, mostrando a político em frente a uma ampulheta, como alegoria da passagem do tempo, implorando que os grãos de areia caíssem mais lentamente, ao que reagia o Zé Povo, demarcando que o fim estava próximo e que o outro logo em seguida iria enfrentar a dureza da vida. A mesma representação do Povo fazia uma "advertência" a Ribeiro de Andrada, que acabara de arar o terreno de Minas Gerais com "sementes de ódio", avisando-lhe que deveria tomar todo o cuidado com a "colheita" que adviria de sua plantação. O tema das cisões na oposição sul-rio-grandense era retomado, sendo mais uma vez Osvaldo Aranha o alvo, aparecendo como um "cavaleiro indesejado", que não aguentava o corcoveio de sua montaria, identificada com o Partido Republicano Rio-Grandense, havendo também a presença do Jeca, que já previa a queda do político, uma vez que aquele cavalo/partido não o suportava²⁵

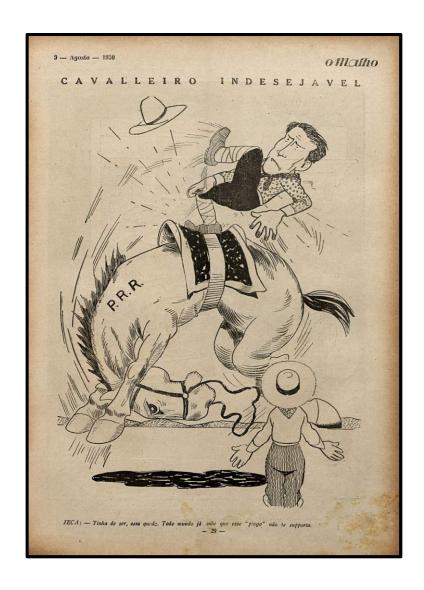
-

²⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 9 ago. 1930.







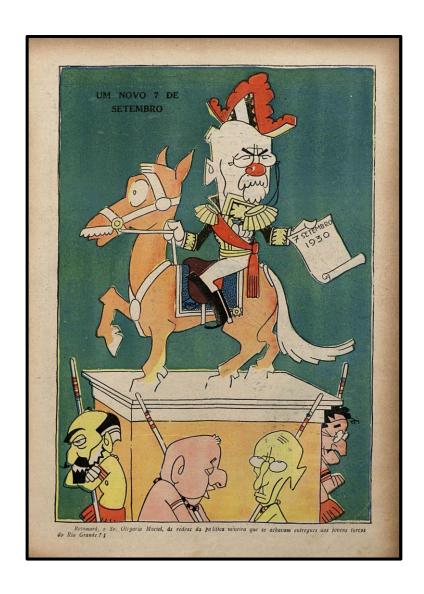


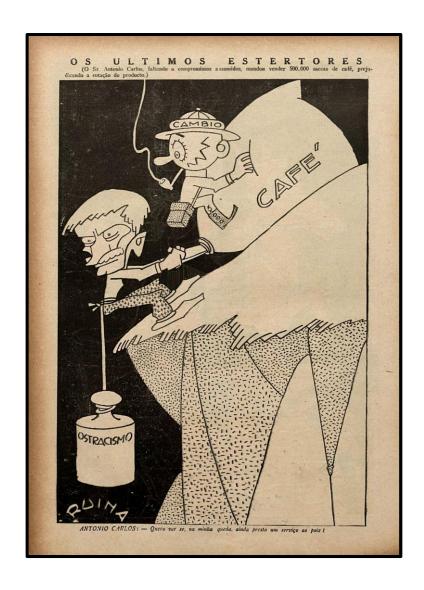
O "boato" e o "derrotismo", personificados como dois homens eram apontados como grandes malefícios aos destinos do país, ainda mais por estarem vinculados aos prenúncios do espírito revolucionário, denunciado por uma caixa de armas e munições presentes no cenário, ainda assim, o periódico acreditava na vigilância governamental como medida para eliminar aquele tipo de ação, se referindo ao "olho de Washington" e trazendo a figura do próprio Presidente fazendo o papel de policial, vindo a coibir os atos dos outros dois. O semanário idealizava um novo 7 de Setembro para Minas Gerais, com a ascensão de Olegário Maciel - que assumia o papel de D. Pedro I, tirando do poder os mineiros que estariam indevidamente associados aos rio-grandenses. A crítica para com Antônio Carlos, estando ele nos seus "últimos estertores" no poder, se referia a uma venda de café que ele teria realizado, prejudicando a cotação do produto e o câmbio, de modo que, ao contrário do que ele imaginava de vir a prestar "serviço ao país", estaria aprofundando ainda mais a sua ruína política, simbolizada pela beira do abismo em que buscava se sustentar, apesar de ter de carregar o peso do "ostracismo", ao qual a revista recorrentemente colocoulhe como condenado. A folha demarcava também aquilo que considerava como jactância dos gaúchos, os quais teriam por hábito valorizarem-se a si mesmos e mutuamente, tendo sido esse o caso das solenidades em homenagem ao retorno de João Neves da Fontoura, que teriam sido exageradas e sem merecimento, chegando a sugerir a existência de uma "Sociedade Republicana Rio-Grandense de Elogio Mútuo"26.

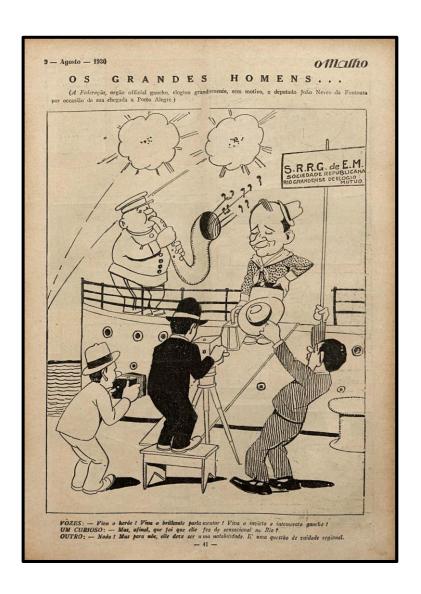
_

²⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 9 ago. 1930.





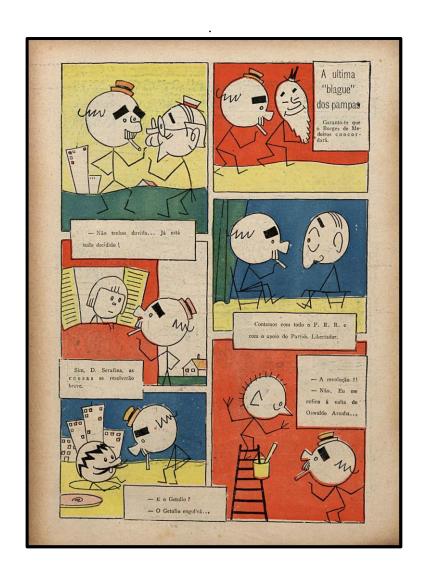


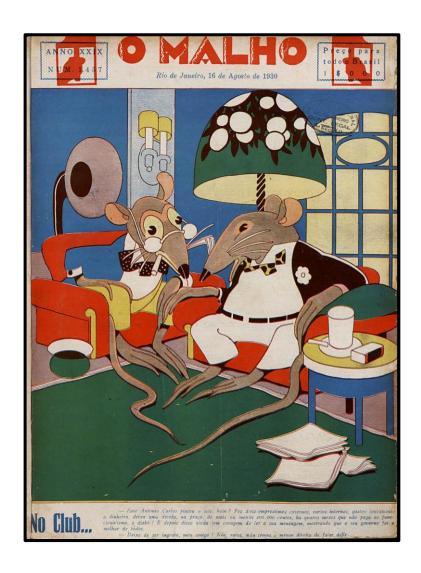


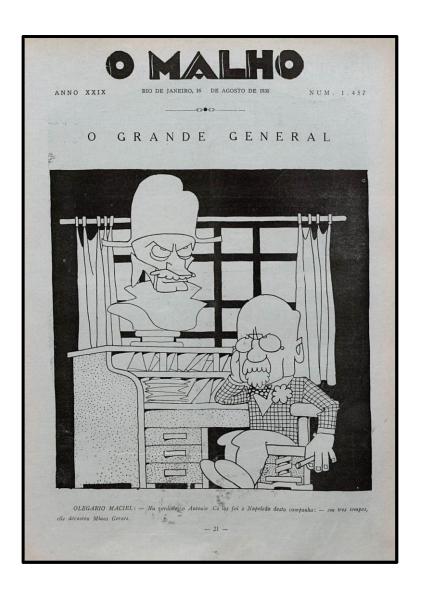
"A última 'blague' dos pampas" era o título de um conjunto de desenhos caricaturais, referindo-se a uma história enganosa ou falsa, ao reproduzir vários diálogos que estariam sendo traçados no âmbito riograndense, levando a crer que se tratava do caminho revolucionário que estaria sendo traçado tanto por republicanos quanto por libertadores, para, por fim, desfazer-se a indicação de que se tratava de um movimento rebelde e sim do retorno de Osvaldo Aranha²⁷. Minas Gerais voltava a ser a tônica do periódico, ao mostrar um hipotético diálogo entre dois ratos - animais notadamente associados à corrupção na arte caricatural - que conversavam sobre os erros administrativo-financeiros de Antônio Carlos à frente do governo mineiro, mormente quanto à dilapidação das verbas públicas, e chegavam à conclusão de que tais desmandos estariam à altura da roubalheira que, figurativamente, sua espécie aludia. Ribeiro de Andrada foi representado também como uma figura estatuária, assumindo a feição de um "grande general", que era observado por seu futuro sucessor Olegário Maciel, o qual reconhecia que aquele fora "o Napoleão" da "campanha" aliancista, pois, "em três tempos, devastou Minas Gerais". As indecisões das lideranças gaúchas quanto a trilhar o caminho da rebeldia ficavam expressas na forma de um jogo de pôquer, na qual a mão dos "revolucionários" era mais fraca do que "conservadores", levando em conta os chefes aliancistas que figuravam nas cartas, de modo que se Washington Luís fosse acrescido a estas, a revolução ficaria inviabilizada²⁸.

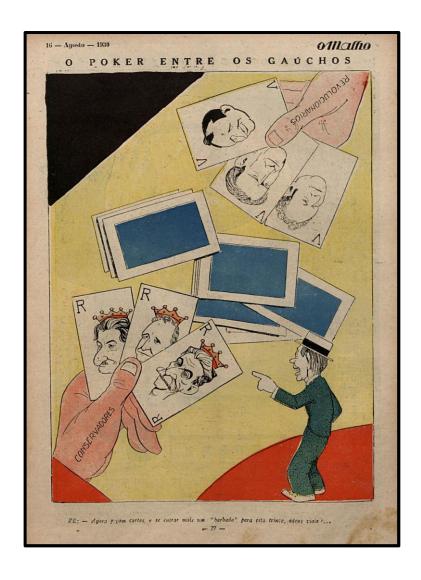
²⁷ O MALHO. Rio de Janeiro, 9 ago. 1930.

²⁸ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 ago. 1930.





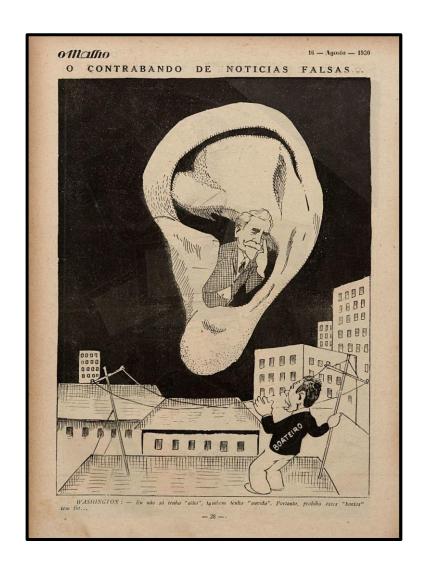


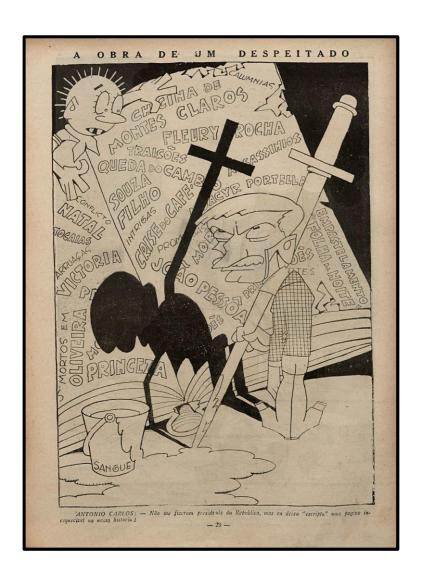


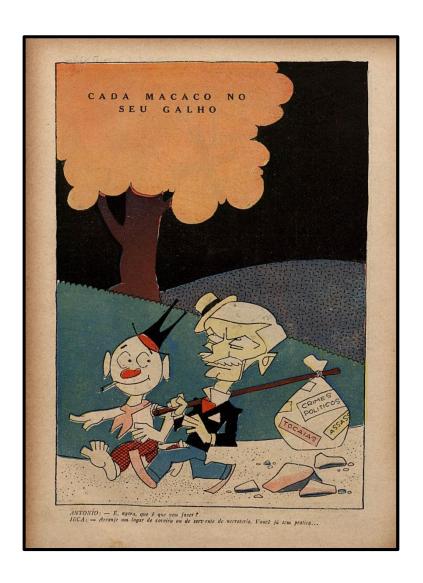
O indivíduo que espalhava boatos foi mais uma vez o alvo do hebdomadário, que censurava a ventilação de temas vinculados à revolução, mostrando que a atenção governamental para coibir esse tipo de atitude seria inexorável, o que era representado pela associação do Presidente da República a uma enorme orelha, com a qual seria possível detectar possíveis boateiros. O administrativo Antônio Carlos período de obra enquadrado como "a de um despeitado", envolvendo violência, repressão, crimes políticos e erros administrativo-financeiros, de modo que ele reclamava que não teria conseguido chegar à Presidência da República, mas teria deixado "'escrita' uma página inesquecível na nossa história", ação para a qual teria usado uma espada como pena e sangue na condição de tinta. Em conversa entre Ribeiro de Andrada e o Jeca, aquele questionava o que iria fazer quando deixasse o cargo, ao que este sugeria que, de acordo com sua "prática" em termos de violência e repressão, levando a assassínios, ele poderia vir a ser coveiro ou servente de necrotério. Acerca daquilo que considerava como impossibilidade de obtenção de adeptos para a solução revolucionária, a publicação apresentou "Voluntários a muque", ilustração na qual o gaúcho Batista Luzardo buscava laçar, entre os cidadãos rio-grandenses e mineiros, adesistas "para uma revolução que ninguém quer". O mesmo chefe político sul-rio-grandense era apresentado como um "general" em frente à sua tropa, formada por aliancistas sulinos, pronto a homenageá-los com faixas e medalhas que nada valiam, assim como a causa que sustentavam²⁹.

_

²⁹ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 ago. 1930.









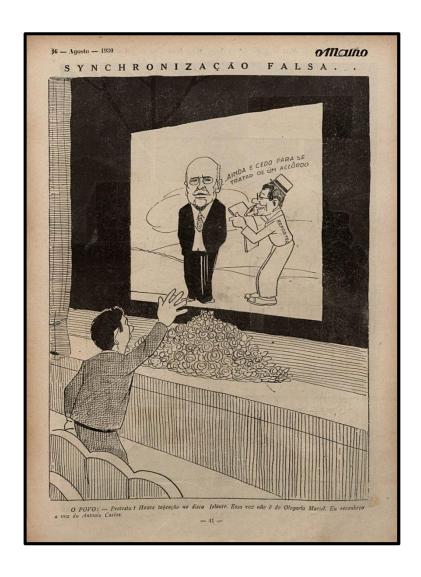


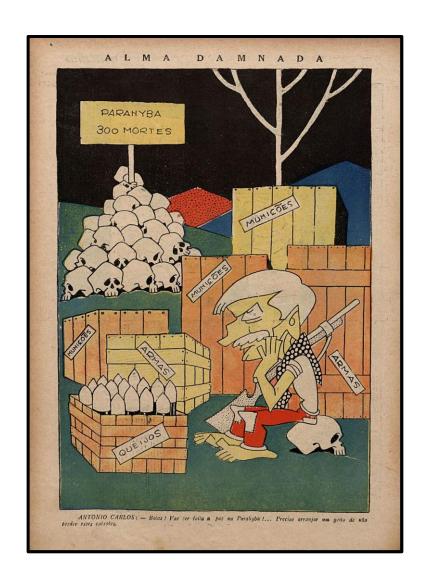
No cinema, o Povo se manifestava com veemência, reclamando que o protagonista na tela, o governante em vias de ser empossado Olegário Maciel, que se referia à impossibilidade de acordo entre oposicionistas e governistas, estaria, em verdade, sendo dublado por Antônio Carlos, com sua tendência de defender a desarmonia. Ribeiro de Andrada era visto ainda como uma "alma danada", pois, apesar significativo número de mortes na Paraíba, lamentava a possibilidade de pacificação do Estado, pois perderia a possibilidade de negociar as munições e armas que estariam destinados para aquele conflito no Nordeste³⁰. O periódico utilizava em sua capa mais uma vez o recurso de colocar animais a conversarem, ao tratar com desdém do "perigo gaúcho", noticiando a preocupação dos criadores quanto às "'ameaças' de revolução", buscando, em suas estâncias, ajuntar os cavalos, ao que estes reagiam, considerando que não haveria mal no ajuntamento deles e sim nas reuniões da bancada rio-grandense. O antagonismo para com Antônio Carlos foi tão notório, que a folha chegou a imaginar a sua saída do poder como se fosse o seu falecimento, chegando a mostrar o coveiro a preparar o túmulo do político. De acordo com o semanário, se não fosse a morte, outro destino para Ribeiro de Andrada seria a penúria, tanto que ele, um dia após deixar o cargo, em farrapos, já estaria a procurar um novo emprego em um armazém, contentando-se com uma colocação no balcão, já que seria especialista em "queimas" e "liquidações", como fizera à frente do governo mineiro³¹.

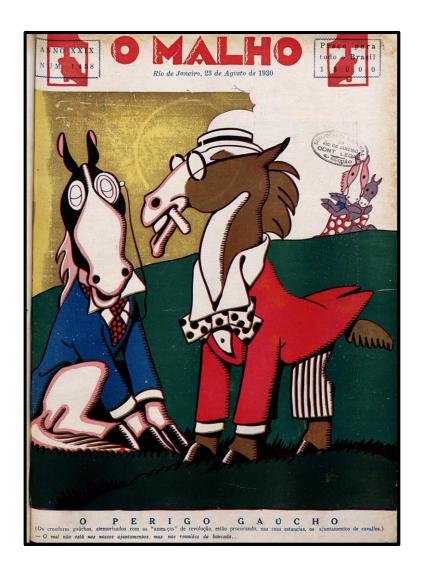
_

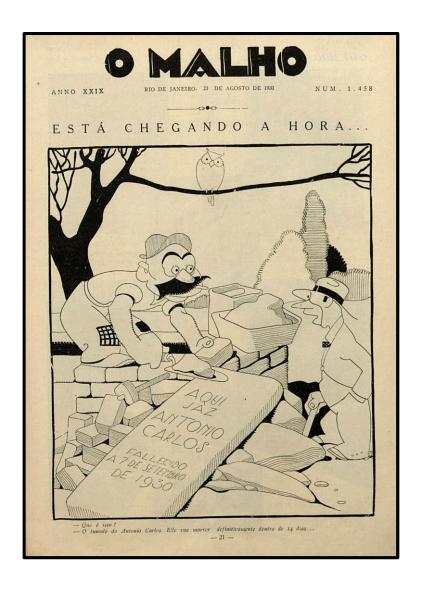
³⁰ O MALHO. Rio de Janeiro, 16 ago. 1930.

³¹ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 ago. 1930.





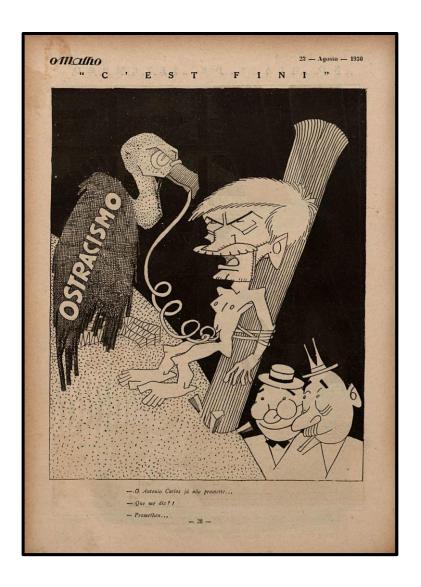


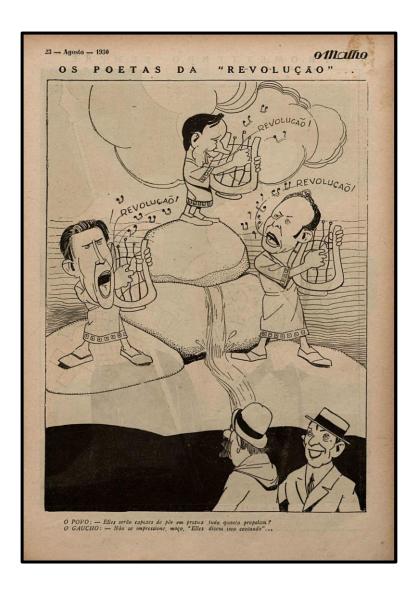




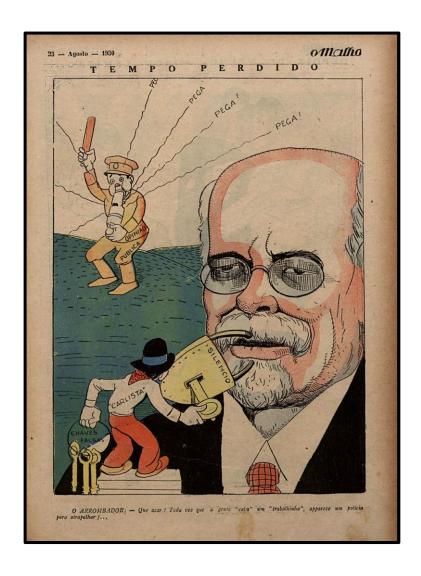
Mantendo o governante mineiro em sua pauta caricatural, O Malho imaginava um triste fim para Antônio Carlos, que aparecia como um Prometeu, só que, ao invés de uma águia comendo o seu fígado, ele tinha um abutre - animal que se alimenta da morte devorando seu intestino, sendo a árvore associado ao ostracismo que a folha indicava como a pior condenação ao politico, além disso, dois indivíduos que observavam a cena faziam alusão de que não se tratava apenas do mitológico, havendo personagem também referência ao verbo "prometer", referindo-se as tantas promessas não cumpridas pelo governador. O olhar crítico para com os planos revolucionários no Rio Grande do Sul voltou em caricatura que retratava Osvaldo Aranha, Neves da Fontoura e Flores da Cunha como poetas que cantavam a revolução, havendo descrédito dos próprios gaúchos quanto à efetivação prática de tal intento. As promessas não cumpridas de Ribeiro de Andrada voltavam a figurar em conversa que ele travava com figura feminina que simbolizava a Aliança Liberal, garantindo que, assim que saísse do poder, tomaria medidas mais efetivas para a vitória da causa aliancista. Outra caricatura tratava do silêncio do futuro sucessor de Antônio Carlos, Olegário Maciel, o qual seria mantido graças à continuidade do uso da força, como indicava a revista. O político mineiro foi também desenhado como um ermitão que, após destruir decidira pela monástica, Minas. vida mas desmentido pelo Jeca que não via nele nenhum santinho e sim o próprio capeta³².

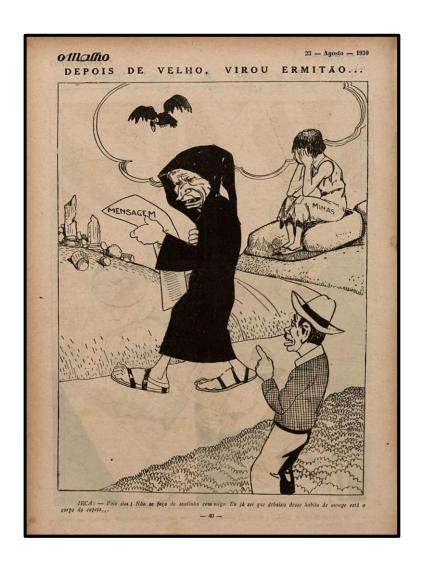
³² O MALHO. Rio de Janeiro, 23 ago. 1930.









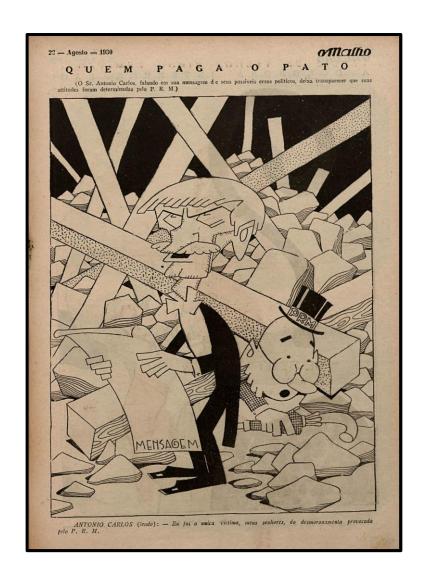


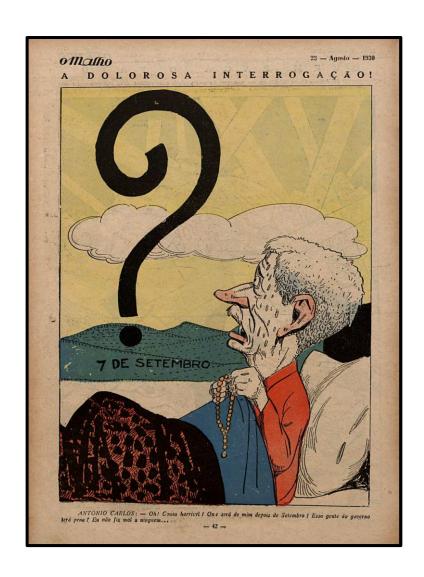
O magazine ilustrado imputava a Antônio Carlos a pecha de mentiroso, no momento em que ele, ao proferir sua mensagem, jogava a culpa da destruição mineira ao seu partido. Em "A dolorosa interrogação", Ribeiro de Andrada aparecia choroso, a rezar na cama, temeroso da forma pela qual a "gente do governo" viria a tratar-lhe quando ele não tivesse mais o mando do Estado de Minas Gerais em suas mãos33. As críticas destinavam-se também a outro aliancista, Epitácio Pessoa, que, metamorfoseado em raposa, conforme a fábula, observava a excessiva distância de um cargo em um tribunal internacional, considerando assim que as uvas estavam verdes. A postura governista do periódico era demonstrada em caricatura denominada "O par constante", a qual retratava um baile no qual Antônio Carlos se mostrava desajeitado para dançar com sua parceira, enquanto Neves da Fontoura e Flores da Cunha sequer tinham um par, ao passo dama/constituição bailava alegremente Washington Luís, o qual considerava os outros como despeitados, pois ele só acertava o passo com aquela parelha, demarcando a visão pela qual as atitudes do Presidente estariam em plena consonância com os ditames constitucionais. Por meio de desenhos, a folha ilustrava chistosamente semana 'revolucionários'", caso dos gaúchos a fazer discursos, se deslocar para o Rio Grande, proclamar a revolução, dizer e desdizer em plena ambiguidade, havendo ainda a presença de Antônio Carlos que, sem qualquer confiabilidade, declarava solidariedade à Paraíba³⁴.

_

³³ O MALHO. Rio de Janeiro, 23 ago. 1930.

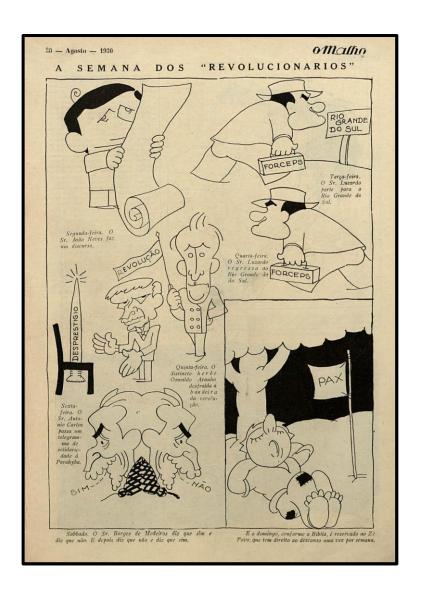
³⁴ O MALHO. Rio de Janeiro, 30 ago. 1930.







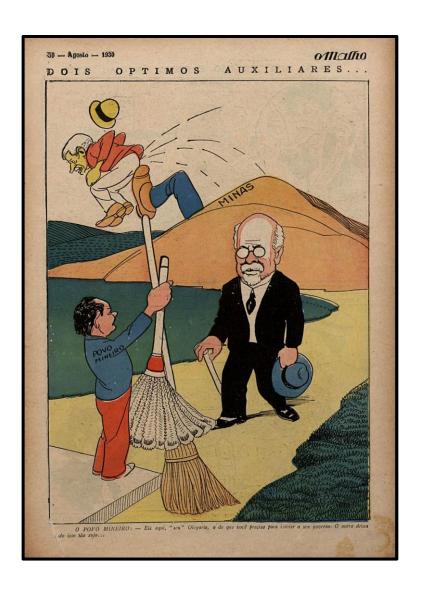


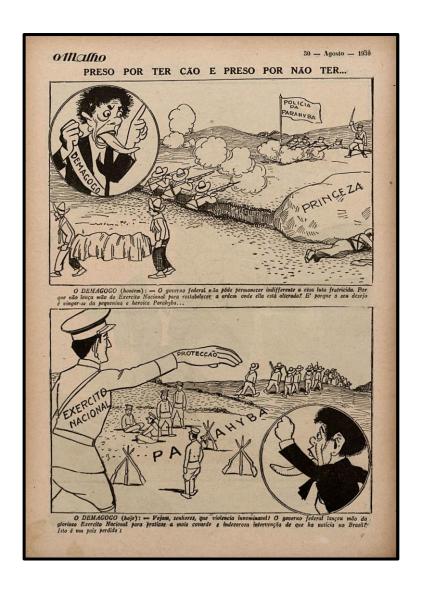


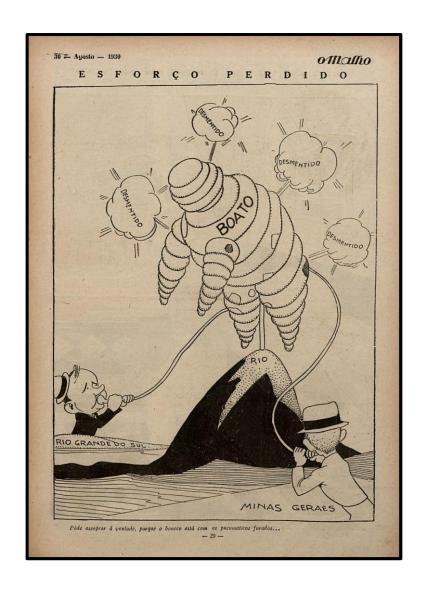
Enquanto Antônio Carlos era expulso de Minas a pontapés, o Povo mineiro recomendava a Olegário Maciel o uso de uma vassoura e de um espanador para limpar a sujeira que seria deixada por aquele. As disputas internas na Paraíba, com a revolta na localidade foi mostrada pelo prisma de Princesa, "demagogo" que, primeiramente defendia a intervenção federal para o restabelecimento da ordem, ao passo que, quanto ocorreu tal interventoria, passa a acusar o violento, federal de autoritário intervencionista. A boataria assumia a forma de um balão que lembrava uma larva e era inflado por Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul e Antônio Carlos em Minas, esforço que não daria certo porque o balão apresentava vários furos, por onde saíam desmentidos oficiais. A desorganização financeira de Minas Gerais imputada a Antônio Carlos teria atingido até o funcionalismo público, caso dos mata-mosquitos, profissão fundamental em época de expansão de epidemias, que estavam sem receber seus ordenados, de maneira que Olegário Maciel solicitava que ao menos eles fossem pagos, para que pudessem promover "uma desinfecção geral", tanto no sentido literal - em relação aos insetos -, quanto no figurado - em alusão aos maus homens públicos. Acompanhado de José Bonifácio, um médico buscava examinar Antônio Carlos, pedindo para ver sua língua, ao que o primeiro responde que isso seria impossível porque ele teria perdido a língua ao pronunciar tantos discursos³⁵.

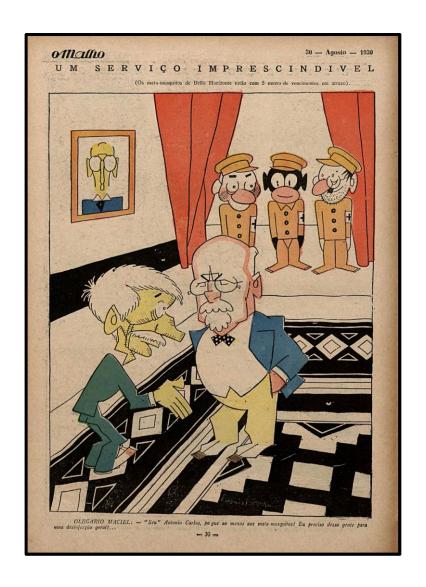
_

³⁵ O MALHO. Rio de Janeiro, 30 ago. 1930.











Depois de perdida a eleição e as indecisões quanto à opção revolucionária, vários aliancistas teriam se transformado em "desocupados", ocupando as ruas e agindo como pedintes ou malabares, sem maior certeza quanto ao seu futuro. A decadência de Antônio Carlos tornou-se literal em termos imagéticos, ao figurar uma "queda trágica", pela qual Olegário Maciel pilotava um avião que representava o Partido Republicano Mineiro, do qual pulava Ribeiro de Andrada e falhando o seu paraquedas, além de se esboroar ao chão, ele iria de encontro a um enorme prego no solo, identificado com o ostracismo, tudo isso relacionado com a ambição de Antônio Carlos de obter uma cadeira no Senado, no que foi preterido por seu substituto com a indicação de outro mineiro, Venceslau Brás. A despedida de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada se dava com as malas em mãos, questionando-se para onde iria, obtendo uma resposta direta e incisiva: "Para o diabo que o carregue!", sendo efetivamente carregado pela figura demoníaca que lhe conduzia para os caminhos do ostracismo³⁶.

-

³⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 30 ago. 1930.







Assim, em agosto de 1930, O Malho prosseguiu em sua campanha em busca de deslegitimar as ações das forças oposicionistas. Desde a formação da Aliança Liberal, o periódico manifestou pleno antagonismo para com tal frente, permanecendo ao lado de Washington Luís e da candidatura de Júlio Prestes. Para a publicação situacionista candidato significava ilustrada. O manutenção do status quo, ao passo que os aliancistas pareciam indicar um caminho de transformações, que, na concepção da folha, poderiam representar um risco, ainda mais que a crise tomava conta do contexto internacional e fazia sentir seus efeitos também no Brasil. Nesse sentido, além do Presidente no poder e do presidencial escolhidos candidato eleito personificação dos aliados também tiveram protagonismo em suas representações caricaturais os inimigos, dentre eles o mineiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrada - o mais recorrente -, Getúlio Vargas, João Pessoa e Epitácio Pessoa, além de vários membros da oposição no Rio Grande do Sul, como Borges de Medeiros, João Neves da Fontoura, Batista Luzardo, José Flores da Cunha e Lindolfo Collor. Do mesmo modo que não acreditou no sucesso da Alianca Liberal, o hebdomadário considerou inviável a realização de um revolucionário, vindo enganar-se a redondamente quanto a esse e a mudança institucional ocorrida em outubro de 1930 custaria caro para O Malho, que teve suas edições suspensas e sua sede invadida e depredada. Entretanto, enquanto esteve no vigor de seu espírito crítico-opinativo, o semanário fez a sua opção, mantendo-a incólume e intensa pelo período de mais de um ano, como foi o caso daquele oitavo mês de 1930.



A Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.





